



C A P Í T U L O 4

A INFLUÊNCIA DA GESTÃO FINANCEIRA NA BAIXA VIDA ÚTIL DAS EMPRESAS DO BRASIL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4302528084>

Jessik Galves Ribeiro

Italo de Lira Lopes

Afrânio Corrêa Lima Júnior

RESUMO: Este artigo analisa a influência da gestão financeira na alta taxa de mortalidade de empresas no Brasil, especialmente micro e pequenas empresas (MPEs). O estudo, baseado em uma pesquisa bibliográfica e documental, empregou uma abordagem quali-quantitativa para identificar as causas do fechamento precoce de negócios e a relação com a gestão financeira. A análise revelou que a má gestão financeira é um dos principais catalisadores do insucesso empresarial, mesmo quando outros fatores, como alta competitividade e instabilidade econômica, estão presentes. Os erros mais comuns incluem a mistura de finanças pessoais e empresariais, a ausência de controle de fluxo de caixa, a tomada de decisões baseada apenas no faturamento e a negligência no planejamento tributário. O estudo conclui que essas falhas não apenas causam problemas de liquidez, mas também potencializam os efeitos negativos de desafios externos. Em contrapartida, a adoção de boas práticas como a separação rigorosa de finanças, o planejamento de capital de giro e a análise de indicadores financeiros está diretamente relacionada à longevidade e à resiliência dos negócios. O trabalho destaca a necessidade de capacitação financeira e o uso de ferramentas simplificadas como medidas essenciais para a sustentabilidade das MPEs brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão Financeira; Mortalidade Empresarial; Sustentabilidade Empresarial.

THE INFLUENCE OF FINANCIAL MANAGEMENT ON THE SHORT USEFUL LIFE OF BRAZILIAN COMPANIES

ABSTRACT: This article analyzes the influence of financial management on the high mortality rate of businesses in Brazil, particularly micro and small enterprises (MSEs). The study, based on a bibliographic and documentary review, used a qualitative-quantitative approach to identify the causes of premature business closure and their relationship with financial management. The analysis revealed that poor financial management is a primary catalyst for business failure, even when other factors like high competition and economic instability are present. The most common errors include mixing personal and business finances, lack of cash flow control, making decisions based solely on revenue, and neglecting tax planning. The study concludes that these failures not only cause liquidity issues but also amplify the negative effects of external challenges. In contrast, the adoption of sound practices such as strict separation of finances, working capital planning, and financial indicator analysis is directly correlated with business longevity and resilience. The paper highlights the need for financial education and the use of simplified tools as essential measures for the sustainability of Brazilian MSEs.

KEYWORDS: Financial Management; Business Mortality; Business Sustainability.

INTRODUÇÃO

O cenário empresarial brasileiro é dinâmico e desafiador, caracterizado por um elevado número de novas empresas surgindo anualmente. Contudo, essa efervescência empreendedora é acompanhada por uma preocupante taxa de mortalidade, especialmente entre as micro e pequenas empresas (MPEs). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consistentemente apontam que uma parcela significativa dos negócios não consegue sobreviver aos primeiros anos de atividade (ISABELA ROVAROTO, 2024).

Essa realidade não apenas gera perdas econômicas e sociais, mas também levanta questionamentos sobre os fatores que contribuem para a efemeridade de tantas iniciativas empresariais no país.

A longevidade das empresas é um pilar fundamental para o desenvolvimento econômico e social de qualquer nação. Empresas que prosperam e se mantêm no mercado contribuem para a geração de empregos, inovação, arrecadação de impostos e fortalecimento da cadeia produtiva.

No contexto brasileiro, onde as MPEs representam a maioria dos negócios e uma parcela substancial do Produto Interno Bruto (PIB) e da força de trabalho, a compreensão dos fatores que afetam sua sobrevivência torna-se ainda mais crucial.

Dentre os diversos elementos que podem influenciar a vida útil de uma empresa, a gestão financeira emerge como um aspecto central é frequentemente apontado como um dos principais desafios enfrentados pelos empreendedores (FERREIRA, L. F. F et al., 2012).

Diante do exposto, o presente trabalho busca responder ao seguinte questionamento:

Como a gestão financeira influencia na baixa vida útil das empresas do Brasil?

O objetivo geral deste trabalho é analisar a influência da gestão financeira na baixa vida útil das empresas no Brasil e com explanação dos objetivos específicos:

- Identificar as principais causas da mortalidade empresarial no Brasil.
- Discutir os erros financeiros mais comuns cometidos pelas empresas brasileiras.
- Analisar a relação entre a adoção de boas práticas de gestão financeira e a longevidade empresarial.

Este estudo justifica-se pela necessidade de fornecer subsídios teóricos e práticos para empreendedores, gestores, formuladores de políticas públicas e instituições de fomento, visando a promoção de um ambiente de negócios mais robusto e a redução do fechamento precoce de empresas. Ao destacar a importância de uma gestão financeira sólida, o trabalho contribui para a conscientização e o aprimoramento das práticas gerenciais, impactando positivamente a sustentabilidade e o crescimento do setor empresarial brasileiro.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos, além dos elementos pré-textuais e pós-textuais. O Capítulo 1, Introdução, apresenta a contextualização do problema, a relevância do tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa. O Capítulo 2, Fundamentação Teórica, aborda os conceitos de gestão financeira, mortalidade empresarial e a relação entre ambos. O Capítulo 3, Metodologia, descreve o tipo de pesquisa, a abordagem, a coleta e a análise de dados. O Capítulo 4, Análise e Discussão dos Resultados, apresenta os dados coletados e os discute à luz da fundamentação teórica. O Capítulo 5, Conclusão, retoma o problema de pesquisa e os objetivos, apresenta os principais achados, as limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas. Por fim, o Capítulo 6, Referências Bibliográficas, lista todas as fontes consultadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Gestão Financeira: Conceitos e Importância

A gestão financeira pode ser definida como o conjunto de ações e procedimentos administrativos relacionados ao planejamento, execução, análise e controle das atividades financeiras de uma organização (SEBRAE, 2025).

Ainda nessa ideia, Marques (2009) define que a gestão, planejamento e controle empresarial define bases para que os gestores das empresas possam pensar e chegar a uma tomada de decisão em relação ao destino de sua firma a curto e longo prazo, destacando assim que o planejamento é a ferramenta primordial a ser utilizada dentre todas as funções gerenciais para que as decisões possam ser tomadas ao longo prazo.

Planejamento Financeiro

Veloso e Porto (2015) retratam a importância do planejamento financeiro ao perceber que por meio deste o administrador financeiro possuirá capacidade de tomar decisões de forma segura tendo uma visão mais ampla do negócio de forma a traçar os objetivos da firma da melhor maneira possível proporcionando assim a continuidade e crescimento do negócio.

Além disso, Cunha e Soares (2010) observam que uma boa gestão empresarial resulta em efetividade na firma através do planejamento que representa a capacidade de coordenar de forma constante tendo em vista os objetivos da empresa, utilizando os recursos financeiros da melhor forma possível.

Controle de Fluxo de Caixa

O fluxo de caixa é uma das ferramentas mais utilizadas no meio empresarial, contribuindo de forma significativa na maximização dos lucros, no crescimento e desenvolvimento de micro e pequenas empresas, além de ser um dos meios mais utilizados para controlar e organizar as informações do caixa da empresa devido sua efetividade. (BERNARDES et al., 2020).

Dessa forma, o fluxo de caixa demonstra todas as movimentações do financeiro da empresas em um período de tempo, com o objetivo de fazer com que a empresa preserve sua liquidez, tendo em vista que o caixa estando muito reduzido ocasiona perda de descontos com fornecedores, demonstrando assim que uma boa administração do fluxo de caixa pode trazer recursos positivos a empresa (Bernardes, 2020 apud Maranhão, 2009, p.2).

Análise de Indicadores Financeiros

A análise financeira pode ser aplicada em todo tipo de organização, pois a utilização desse tipo de análise não visa encontrar valores exatos e perfeitos que retratem uma empresa perfeita, mas verificar se os resultados analisados estão dentro da normalidade das empresas do mesmo ramo (MARION, 2012).

Dessa forma, para que se consiga obter uma análise concreta e confiável, é preciso verificar um conjunto de indicadores e com base em seus resultados e interpretação correta realizar a tomada de decisão, ressaltando que se a informação for incorreta ou má interpretada pode acarretar em grandes perdas para a firma (IUDÍCIBUS, 2008).

Capital de Giro

Capital de giro é o conjunto de recursos financeiros necessários para a empresa financiar suas operações diárias, como pagamento de fornecedores, salários e despesas operacionais. A gestão inadequada do capital de giro, seja por imobilização excessiva em ativos fixos ou por políticas equivocadas de crédito aos clientes, pode gerar problemas de liquidez e comprometer a capacidade da empresa de manter suas atividades (Santos et al., 1995).

A Relevância da Gestão do Capital de Giro para a Sobrevivência das MPEs

A gestão do capital de giro é um dos pilares fundamentais para a saúde financeira e a longevidade das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) no Brasil. A sua relevância é acentuada pelo fato de que a maioria das empresas brasileiras se enquadra nesse porte, e a alta taxa de mortalidade nesse segmento é um desafio constante. A má gestão ou a falta de capital de giro adequado são frequentemente citadas como causas diretas do insucesso empresarial (CARVALHO e OLIVEIRA, 2016).

O capital de giro, conforme definido por Carvalho e Oliveira (2016), representa os recursos movimentados pelo gestor, e quanto mais rápido for esse giro, maior será a rentabilidade. Ele se manifesta nos recursos aplicados no ativo circulante da empresa, como caixa, aplicações de curto prazo, estoques e duplicatas a receber.

Para Carvalho e Oliveira (2016) uma gestão eficiente do capital de giro, diversas ferramentas e conceitos são cruciais:

- **Capital Circulante Líquido (CCL):** É a diferença entre o ativo circulante e o passivo circulante. Um CCL positivo indica que a empresa possui recursos suficientes para honrar seus compromissos de curto prazo.

- **Capital Circulante Próprio (CCP):** Representa a parcela do Patrimônio Líquido investida diretamente no ativo circulante. Embora seja ideal que o CCP seja positivo, a realidade das MPes muitas vezes não permite. Nesses casos, a gestão eficiente do CCL torna-se ainda mais vital.
- **Ciclos (Operacional, Financeiro e Econômico):** A gestão eficaz desses ciclos é fundamental para a rotação do capital de giro. O ciclo operacional abrange o tempo desde a compra da matéria-prima até o recebimento das vendas.
- **Necessidade de Capital de Giro (NCG):** Indica a quantidade de recursos que a empresa precisa para financiar seu capital de giro. Uma NCG positiva significa que as fontes operacionais não são suficientes para financiar as atividades operacionais, exigindo a busca por financiamentos externos. A redução da NCG é um objetivo constante da boa gestão financeira.
- **Modelo de Administração de Caixa (CMO):** Ajuda a definir o montante ideal de caixa que a empresa deve manter. O CMO permite que o gestor saiba o quanto a empresa precisa ter em caixa para saldar suas obrigações e aproveitar oportunidades, operando com um mínimo de caixa e otimizando o uso dos recursos.

A Gestão Financeira como Fator de Sobrevivência e Crescimento

Segundo a IOSR Journal of Business and Management (2025), A gestão financeira transcende a mera contabilidade de receitas e despesas, ela se posiciona como um pilar estratégico para a sobrevivência e o crescimento sustentável de qualquer empreendimento, especialmente as Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP) no Brasil.

Em um cenário econômico marcado pela volatilidade e alta competitividade, a capacidade de gerenciar eficientemente os recursos financeiros torna-se um diferencial competitivo crucial.

A relevância desse aspecto é acentuada pelo fato de que MEs e EPPs constituem a espinha dorsal da economia brasileira, respondendo por uma parcela significativa dos negócios formais e da geração de empregos (IOSR JOURNAL OF BUSINESS AND MANAGEMENT, 2025).

Autores como Gitman (2010), Assaf Neto (2016), e Brigham e Ehrhardt (2018) convergem ao destacar que a gestão financeira eficaz não é um privilégio de grandes corporações, mas uma necessidade imperativa para negócios de todos os portes. Ela engloba um conjunto de práticas que visam ao uso racional dos recursos financeiros, abrangendo desde o controle e a análise até o planejamento e a tomada de decisões estratégicas. Quando bem aplicada, a gestão financeira capacita o empreendedor a tomar decisões embasadas, mitigar riscos e antecipar cenários críticos, transformando incertezas em oportunidades.

Um dos pontos críticos reside na profissionalização da administração financeira em MEs e EPPs. Muitas dessas empresas, com acesso limitado a consultorias especializadas, dependem excessivamente do conhecimento empírico de seus proprietários. Embora a intuição e a experiência sejam valiosas, a ausência de uma base técnica sólida e de ferramentas de gestão pode comprometer seriamente a continuidade do negócio. A contabilidade gerencial, por exemplo, quando integrada à rotina financeira, fornece indicadores precisos para o controle de desempenho e a identificação de gargalos, sendo particularmente relevante em ambientes de escassez de recursos (GODOY, 1995).

A cultura do improviso, ainda predominante em muitas microempresas brasileiras, representa um obstáculo significativo ao crescimento sustentável. A resistência à adoção de processos sistematizados e ferramentas simples de controle financeiro impede que esses negócios atinjam seu pleno potencial. Além disso, o alinhamento entre estratégia, marketing e finanças é fundamental para o sucesso. A falta dessa integração pode resultar em desperdícios e limitar a competitividade, mesmo para empresas com produtos ou serviços de qualidade (GODOY, 1995).

Muitos empreendedores, sem formação específica na área, acabam por cometer erros recorrentes que poderiam ser evitados com noções básicas de gestão financeira. A difusão de conhecimento técnico e o acesso a ferramentas financeiras básicas são medidas estratégicas para fortalecer esse segmento essencial da economia nacional, promovendo não apenas a sobrevivência, mas também o crescimento e a longevidade das MEs e EPPs no Brasil (GODOY, 1995).

Desafios Enfrentados por Microempresas e Empresas de Pequeno Porte na Gestão Financeira

As Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP) no Brasil, apesar de sua vital importância para a economia, enfrentam uma série de obstáculos estruturais que comprometem a eficácia de sua gestão financeira. A informalidade, por exemplo, é um dos principais entraves, com muitos empresários não realizando a separação adequada entre suas finanças pessoais e as da empresa. Essa prática, embora comum, obscurece a real situação financeira do negócio, dificultando o cálculo preciso de lucros e prejuízos e a tomada de decisões estratégicas (GODOY, 1995).

Outro desafio significativo é a falta de formação técnica dos empreendedores. Muitos iniciam seus negócios por necessidade, e não por oportunidade, o que significa que frequentemente carecem de preparo formal em áreas cruciais como gestão, contabilidade e finanças. A ausência de conhecimento sobre planilhas, cálculos de margem de contribuição, ponto de equilíbrio e capital de giro os deixa vulneráveis a erros que poderiam ser evitados com uma base educacional mais sólida (GODOY, 1995).

A dependência da intuição em detrimento de análises baseadas em dados é uma característica comum em gestores que operam no modelo de autogestão, sem auxílio técnico ou contábil. Essa abordagem aumenta significativamente os riscos financeiros, pois as decisões são tomadas sem uma compreensão clara das implicações econômicas. A ausência de planejamento estratégico também contribui para a falta de uma visão de longo prazo, dificultando a alocação eficiente de recursos e a identificação de oportunidades de crescimento sustentável (GODOY, 1995).

A inexistência de controles financeiros básicos, como o fluxo de caixa, impede que os gestores tenham uma visão clara da saúde financeira da empresa. Sem indicadores financeiros confiáveis, torna-se impossível avaliar o desempenho, identificar gargalos operacionais ou planejar investimentos futuros de forma eficaz. A falta de conhecimento sobre análise de custos e precificação adequada pode levar as MEs e EPPs a praticarem preços que não cobrem seus custos operacionais, resultando em prejuízos recorrentes e, em última instância, na falência (GODOY, 1995).

Diante desses desafios, a implementação de programas de capacitação em gestão financeira, voltados especificamente para micro e pequenos empresários, é fundamental. Além disso, o uso de tecnologias acessíveis, como aplicativos de controle financeiro e planilhas gratuitas, pode auxiliar os gestores na organização das finanças, mesmo com recursos limitados. A adoção de práticas simples de gestão financeira, aliada à busca por conhecimento técnico, pode aumentar a resiliência das MEs e EPPs frente às adversidades do mercado, promovendo sua sustentabilidade a longo prazo (GODOY, 1995).

Mortalidade Empresarial no Brasil

A mortalidade empresarial é um fenômeno complexo e multifacetado que afeta empresas de todos os portes e setores, mas que se manifesta de forma mais acentuada entre as micro e pequenas empresas. No Brasil, esse cenário é particularmente desafiador, com estatísticas que revelam a fragilidade do ambiente de negócios e a dificuldade de muitas empresas em se manterem ativas por longos períodos.

Estatísticas e Taxas de Sobrevivência

Estudos do IBGE e do Sebrae demonstram que uma parcela significativa das empresas brasileiras não consegue sobreviver aos primeiros anos de atividade. De acordo com a pesquisa Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo 2022 do IBGE, cerca de seis a cada dez empresas que nascem no Brasil não conseguem sobreviver após cinco anos. Mais especificamente, das empresas nascidas em 2017, apenas 37,9% estavam ativas após cinco anos, com a taxa de sobrevivência caindo progressivamente a cada ano (ISABELA ROVAROTO, 2024).

Em relação ao porte, os Microempreendedores Individuais (MEIs) possuem a maior taxa de mortalidade entre os pequenos negócios (29% fecham após 5 anos), seguidos pelas Microempresas (MEs) com 21,6% e pelas Empresas de Pequeno Porte (EPPs) com 17% (BARDIN, 2016).

Causas Gerais da Mortalidade Empresarial

A mortalidade empresarial é resultado de uma combinação de fatores, que podem ser internos ou externos à organização. Entre as causas gerais, destacam-se a alta competitividade do mercado, a falta de gestão adequada, as dificuldades financeiras e a instabilidade econômica (ISABELA ROVAROTO, 2024).

O setor de serviços, especialmente os de baixo custo e não especializados, e o comércio, apesar de serem os que mais registram nascimentos de empresas, também lideram o número de falências, refletindo a alta competitividade e a instabilidade desses segmentos (BARDIN, 2016).

Mortalidade por Porte e Setor

Conforme mencionado, o porte da empresa e o setor de atuação exercem influência significativa sobre a taxa de mortalidade. O comércio, com 30,2% de fechamento em 5 anos, e a indústria de transformação, com 27,3%, apresentam as maiores taxas de mortalidade por setor. Em contrapartida, a indústria extrativa (14,3%) e a agropecuária (18%) registram as menores taxas (BARDIN, 2016).

A vulnerabilidade das MPEs é acentuada pela sua menor capacidade de absorver choques econômicos e pela maior dificuldade em acessar recursos e conhecimentos especializados em gestão (ISABELA ROVAROTO, 2024).

Principais Causas de Falência das Pequenas Empresas no Brasil

A mortalidade de micro e pequenas empresas (MPEs) no Brasil é um fenômeno complexo, influenciado por uma miríade de fatores que transcendem a mera gestão financeira. Embora a má gestão dos recursos seja um contribuinte significativo, desafios econômicos, estruturais e até mesmo culturais desempenham um papel crucial no encerramento precoce desses empreendimentos (OLIVEIRA, 2021).

Desafios Econômicos e Estruturais:

O cenário econômico brasileiro, caracterizado por sua instabilidade e flutuações, impõe uma pressão considerável sobre as MPEs. A alta carga tributária e a burocracia excessiva são frequentemente citadas como entraves que dificultam a manutenção de margens de lucro saudáveis e a conformidade legal (OLIVEIRA, 2021).

A competitividade acirrada em diversos setores é outro desafio. Pequenas empresas, muitas vezes, carecem da capacidade de diferenciação de produtos ou serviços de forma eficaz, o que as torna vulneráveis diante da concorrência de empresas maiores e mais estabelecidas (OLIVEIRA, 2021).

Fatores Internos e de Gestão:

A falta de planejamento financeiro sólido é uma das causas internas mais proeminentes da falência. Muitas MPes operam sem um orçamento realista, monitoramento constante do fluxo de caixa ou reservas financeiras adequadas para enfrentar períodos de desafios. Essa deficiência leva a problemas de liquidez e endividamento, comprometendo a sustentabilidade do negócio (OLIVEIRA, 2021).

A gestão ineficiente, que engloba decisões inadequadas, falta de experiência gerencial e incapacidade de adaptação às mudanças do mercado, também é prejudicial. A ausência de um plano de negócios estruturado e a negligência de informações cruciais de mercado antes do início das atividades aumentam significativamente as probabilidades de fechamento precoce.

Estudos indicam que uma parcela considerável de empreendedores não realiza um planejamento básico, desconhecendo o número de clientes, o capital de giro necessário ou a quantidade de concorrentes (OLIVEIRA, 2021).

Estratégias para Prevenir a Falência:

A prevenção da falência exige uma abordagem multifacetada. O planejamento financeiro rigoroso, com elaboração de orçamentos, monitoramento de fluxo de caixa e criação de reservas, é fundamental. A gestão eficiente, com investimento em habilidades gerenciais e promoção da eficiência operacional, também é crucial. Além disso, a inovação constante, a diversificação de receitas e produtos, o controle de custos, o endividamento consciente e o conhecimento legal e tributário são práticas essenciais para aumentar as chances de sucesso e resistir a desafios financeiros (OLIVEIRA, 2021).

Um plano de negócios bem elaborado, que organize as ideias, descreva objetivos e defina os passos para alcançá-los, é uma ferramenta indispensável para diminuir riscos e incertezas. Ele permite identificar e corrigir erros no papel antes que se materializem no mercado (OLIVEIRA, 2021). A busca por assessorias e a valorização de profissionais de contabilidade desde o início do empreendimento também são fatores que contribuem para a longevidade do negócio (OLIVEIRA, 2021).

A Relação entre Gestão Financeira e Longevidade Empresarial

De acordo com Ferreira et al. (2012) a relação entre a gestão financeira e a longevidade das empresas é intrínseca e complexa. Embora fatores estratégicos, como planejamento e inovação, sejam preponderantes na determinação da sobrevivência empresarial, a má gestão financeira é um dos principais catalisadores do fechamento precoce de negócios.

A insuficiência de recursos, muitas vezes percebida como a causa raiz da falência, é, na verdade, um sintoma de problemas mais profundos relacionados à forma como os recursos financeiros são planejados, controlados e utilizados (DE TONI et al., 2017).

Impacto da Má Gestão Financeira na Vida Útil das Empresas

A má gestão financeira atua como um fator multiplicador dos riscos inerentes ao ambiente de negócios. A falta de controle sobre o fluxo de caixa, por exemplo, pode levar a problemas de liquidez, mesmo em empresas com boa lucratividade, resultando na incapacidade de honrar compromissos e, eventualmente, na falência. A imobilização excessiva de capital em ativos fixos ou políticas de crédito inadequadas podem comprometer o capital de giro, inviabilizando as operações diárias (DESCONSI, 2024).

Além disso, a má gestão financeira impede a empresa de reagir adequadamente a crises econômicas ou mudanças no mercado. Sem uma reserva financeira adequada e sem a capacidade de analisar e projetar cenários, a empresa se torna extremamente vulnerável a choques externos, acelerando seu processo de fechamento (DE TONI et al., 2017).

Boas Práticas de Gestão Financeira para a Sobrevivência

Para mitigar os riscos associados à má gestão financeira e aumentar as chances de longevidade, as empresas devem adotar uma série de boas práticas (DESCONSI, 2024):

- Separação rigorosa das finanças pessoais e empresariais: Manter contas bancárias e registros financeiros separados é o primeiro passo para um controle eficaz.
- Controle de fluxo de caixa diário e projeções: Monitorar constantemente as entradas e saídas e projetar o fluxo de caixa futuro permite antecipar problemas e tomar decisões proativas.

- **Elaboração e acompanhamento de orçamentos:** Definir metas financeiras claras e acompanhar o desempenho em relação ao orçamento ajuda a manter o controle sobre receitas e despesas.
- **Análise de indicadores financeiros:** Utilizar indicadores de rentabilidade, liquidez e endividamento para avaliar o desempenho e identificar áreas de melhoria.
- **Gestão eficiente do capital de giro:** Manter um equilíbrio entre ativos e passivos circulantes, evitando imobilizações excessivas e gerenciando adequadamente os prazos de recebimento e pagamento.
- **Busca por conhecimento e apoio especializado:** Investir na capacitação em gestão financeira e buscar o auxílio de profissionais (contadores, consultores) para aprimorar as práticas financeiras.

Ao adotar essas práticas, as empresas não apenas protegem seu capital e garantem sua liquidez, mas também constroem uma base sólida para o crescimento sustentável e a longevidade no mercado competitivo brasileiro.

A Percepção dos Empreendedores sobre a Gestão Empresarial e a Mortalidade

Um estudo realizado por Vannucci, Ferreira e Silva (2023) (FACHINELLI, 2022) buscou analisar a percepção dos empreendedores em relação à gestão empresarial e à taxa de mortalidade das empresas do setor de varejo em Uberlândia. Os resultados dessa pesquisa reforçam a importância da gestão, incluindo a financeira, na sobrevivência dos negócios. Os principais fatores que contribuem para a mortalidade das MPEs, segundo a percepção dos empresários, são:

- **Má gestão durante os primeiros anos de atividade (18,75%):** Este é o fator mais apontado, indicando que a inexperiência ou a falta de preparo gerencial nos estágios iniciais do negócio são cruciais para a sua sobrevivência.
- **Má gestão financeira na empresa (17,88%):** A gestão financeira inadequada é o segundo fator mais relevante, evidenciando que os próprios empreendedores reconhecem o impacto direto das decisões financeiras na longevidade de suas empresas.
- **Falta de planejamento do negócio antes de sua abertura:** A ausência de um plano de negócios sólido e de um planejamento estratégico prévio à abertura da empresa é um fator significativo que compromete a sua sustentabilidade desde o início.

O estudo também destaca que, embora a má gestão financeira seja um fator crítico, ela está interligada a outros aspectos da gestão empresarial. Por exemplo, a falta de planejamento financeiro adequado pode ser vista como uma faceta da falta

de planejamento geral do negócio. A pesquisa de Vannucci, Ferreira e Silva (2023) (FACHINELLI, 2022) corrobora a ideia de que a gestão financeira não é um elemento isolado, mas parte integrante de um sistema de gestão mais amplo que, quando deficiente, leva ao insucesso. A importância do planejamento e controle financeiro é ressaltada como ferramentas básicas para o crescimento e a sustentabilidade das MPEs, e a ausência dessas práticas acarreta uma alta taxa de mortalidade (FACHINELLI, 2022).

METODOLOGIA

Este capítulo descreve a abordagem metodológica utilizada para desenvolver o presente trabalho, delineando o tipo de pesquisa, a abordagem, os procedimentos de coleta e análise de dados.

Considerando o problema de pesquisa e os objetivos propostos, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva. A natureza exploratória justifica-se pela busca por maior familiaridade, visando a formulação de hipóteses e o aprofundamento do conhecimento sobre o tema. A pesquisa descritiva, por sua vez, busca descrever as características de determinado fenômeno, população ou relação, sem manipular variáveis, o que se alinha à análise das estatísticas de mortalidade empresarial e dos erros financeiros comuns no Brasil.

Quanto à abordagem, o estudo emprega uma perspectiva quali-quantitativa. A abordagem quantitativa é utilizada para analisar os dados estatísticos e a correlação dos fatores, utilizando-se de dados numéricos e análises estatísticas existentes. A abordagem qualitativa, por sua vez, permite aprofundar a compreensão dos fatores subjetivos e contextuais, na qual a combinação de ambas as abordagens proporciona uma visão mais completa e robusta do fenômeno estudado.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio de análise de conteúdo e análise estatística descritiva. A análise de conteúdo foi aplicada aos textos e documentos para identificar padrões, categorias e temas relevantes relacionados à gestão financeira e à mortalidade empresarial. A análise estatística descritiva foi utilizada para sumarizar e interpretar os dados numéricos, como as taxas de sobrevivência e mortalidade, permitindo a identificação de tendências e a correlação entre as variáveis. Os resultados dessa análise foram então discutidos à luz da fundamentação teórica, buscando responder ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Análise dos Dados Coletados

A pesquisa realizada, revelou um cenário preocupante em relação à vida útil das empresas brasileiras, especialmente as de pequeno porte. Conforme apresentado na Fundamentação Teórica, a taxa de mortalidade empresarial no Brasil é elevada, com cerca de 60% das empresas não sobrevivendo após cinco anos de atividade. Essa taxa é ainda mais acentuada para os Microempreendedores Individuais (MEIs) e Microempresas (MEs).

Os dados indicam que, embora a criação de novas empresas seja expressiva, a fragilidade do ambiente de negócios e a falta de preparo dos empreendedores contribuem significativamente para o fechamento precoce. Setores como o comércio e serviços não especializados apresentam as maiores taxas de mortalidade, refletindo a alta competitividade e a instabilidade desses segmentos.

Em relação aos erros financeiros, a pesquisa identificou um conjunto de práticas inadequadas que são recorrentes e impactam diretamente a longevidade das empresas. A mistura de finanças pessoais e empresariais, a ausência de controle de fluxo de caixa diário, decisões baseadas apenas no faturamento, desconsideração de indicadores financeiros e a falta de uma estrutura mínima de gestão financeira são os equívocos mais citados (DE TONI et al., 2017).

O estudo de Ferreira et al. (2012) corrobora esses achados, destacando que, embora fatores estratégicos sejam preponderantes na mortalidade, a má gestão financeira é um elemento crucial. A pesquisa aponta que a ausência de planejamento (81% dos entrevistados), a falta de inovação (72%), a dificuldade em conquistar e manter clientes (55%) e o alto nível de concorrência (66%) são fatores estratégicos que contribuem para a mortalidade. No entanto, erros como retiradas excessivas de capital (23%) e a falta de auxílio externo em finanças (33%) demonstram a relevância dos aspectos financeiros na tomada de decisão dos empreendedores.

Discussão dos Resultados à Luz da Fundamentação Teórica

Os dados coletados e apresentados reforçam a hipótese central deste trabalho: a gestão financeira exerce uma influência significativa na baixa vida útil das empresas no Brasil. Embora a pesquisa de Ferreira et al. (2012) sugira que fatores estratégicos sejam mais determinantes, a análise aprofundada revela que a má gestão financeira está intrinsecamente ligada a esses fatores estratégicos e atua como um catalisador para o insucesso empresarial.

Sem um planejamento financeiro adequado, a empresa não consegue projetar suas receitas e despesas, gerenciar seu capital de giro de forma eficiente ou tomar decisões de investimento embasadas. Isso leva a uma operação no escuro, onde o crescimento pode se tornar uma armadilha, como alertado por Martins (2025) (DE TONI et al., 2017).

A mistura de finanças pessoais e empresariais, um erro financeiro comum, compromete a clareza da situação financeira da empresa e dificulta a avaliação da real lucratividade. Essa prática, embora pareça inofensiva, pode levar a retiradas de capital que enfraquecem a empresa e a tornam mais vulnerável a crises, impactando diretamente sua capacidade de sobrevivência (DE TONI et al., 2017).

A falta de controle de fluxo de caixa e a desconsideração de indicadores financeiros são falhas que impedem a empresa de ter uma visão clara de sua liquidez e desempenho. Sem essas informações, é impossível identificar problemas a tempo, como a inadimplência de clientes ou o aumento descontrolado de custos, e tomar medidas corretivas. Empresas que operam sem esse controle estão mais suscetíveis a problemas de liquidez e, conseqüentemente, à falência (DE TONI et al., 2017).

Em suma, a análise dos dados e a discussão à luz da fundamentação teórica revelam que a gestão financeira não é apenas um aspecto operacional, mas um pilar estratégico para a sobrevivência e o crescimento das empresas no Brasil. Os erros financeiros, muitas vezes, são reflexos de uma falta de visão estratégica e de competências gerenciais, que, em conjunto, contribuem para a alta taxa de mortalidade empresarial.

Respostas aos Objetivos Específicos

Com base na análise e discussão dos resultados, é possível responder aos objetivos específicos propostos:

- I Identificar as principais causas da mortalidade empresarial no Brasil: As principais causas da mortalidade empresarial no Brasil são multifacetadas, incluindo alta competitividade, falta de gestão adequada, dificuldades financeiras e instabilidade econômica. Setores como comércio e serviços não especializados são os mais afetados. No entanto, a má gestão financeira, manifestada por erros como a ausência de planejamento financeiro, descontrole de fluxo de caixa e mistura de finanças pessoais e empresariais, emerge como um fator crucial que agrava e acelera o processo de fechamento das empresas.
- I Discutir os erros financeiros mais comuns cometidos pelas empresas brasileiras: Os erros financeiros mais comuns incluem a mistura de finanças

pessoais e empresariais, ausência de controle de fluxo de caixa diário, decisões baseadas apenas no faturamento, desconsideração de indicadores financeiros e falta de uma estrutura mínima de gestão financeira. Esses erros, isolados ou em conjunto, comprometem a liquidez, a lucratividade e a sustentabilidade dos negócios.

- I Analisar a relação entre a adoção de boas práticas de gestão financeira e a longevidade empresarial: A adoção de boas práticas de gestão financeira, como a separação rigorosa das finanças, o controle diário e projeção de fluxo de caixa, a elaboração e acompanhamento de orçamentos, a análise de indicadores financeiros, o planejamento tributário eficiente, a gestão do capital de giro e a busca por apoio especializado, está diretamente relacionada ao aumento da longevidade empresarial. Essas práticas proporcionam maior controle, previsibilidade e capacidade de reação a desafios, fortalecendo a empresa e tornando-a mais resiliente no mercado.

Correlação entre Erros Financeiros Específicos e a Mortalidade Empresarial

A análise aprofundada dos dados e da literatura consultada permite estabelecer uma correlação direta e inegável entre erros financeiros específicos e a alta taxa de mortalidade das empresas no Brasil. A simples constatação de que a má gestão financeira é um fator preponderante, como já discutido, ganha maior robustez ao detalhar como cada falha impacta a longevidade do negócio.

A Mistura de Finanças Pessoais e Empresariais: O Início do Colapso

Este erro, aparentemente trivial, é um dos mais insidiosos e, infelizmente, um dos mais comuns entre as MPEs brasileiras. A ausência de uma separação clara entre o patrimônio do empreendedor e o da empresa cria uma névoa que impede a visualização da real saúde financeira do negócio. Quando o caixa da empresa é utilizado para despesas pessoais ou vice-versa, a capacidade de avaliar a lucratividade, a liquidez e a rentabilidade é severamente comprometida (DE TONI et al., 2017).

Essa prática impede a formação de reservas financeiras, o reinvestimento necessário para o crescimento e a capacidade de enfrentar períodos de baixa demanda ou crises inesperadas. Em última instância, a mistura de finanças pode levar a empresa a uma situação de insolvência, onde não consegue honrar seus compromissos, mesmo que teoricamente tenha um bom faturamento (DE TONI et al., 2017).

A Ausência de Controle de Fluxo de Caixa: A Hemorragia Silenciosa

O fluxo de caixa é o coração financeiro de qualquer empresa. Sua ausência de controle diário é comparável a uma hemorragia interna que, se não detectada e tratada, leva inevitavelmente à morte do negócio. Muitas MPEs operam sem um registro sistemático de suas entradas e saídas, confiando na memória ou em extratos bancários incompletos. Essa negligência impede a visualização da disponibilidade de caixa em tempo real e a projeção de necessidades futuras (PADOVEZE, 2019).

O resultado é a incapacidade de gerenciar a liquidez. A empresa pode ter vendas, mas se os recebimentos são a longo prazo e os pagamentos a curto prazo, haverá um descasamento de caixa. Sem o controle do fluxo, o empreendedor não consegue antecipar essa situação, resultando em atrasos no pagamento de fornecedores, salários e impostos, o que gera multas, juros e perda de credibilidade.

Decisões Baseadas Apenas no Faturamento: A Ilusão do Sucesso

Focar exclusivamente no volume de vendas, sem considerar a margem de lucro, os custos e as despesas, é uma armadilha comum que cria uma falsa sensação de sucesso. Uma empresa pode faturar muito, mas se seus custos operacionais são elevados, sua margem de lucro é ínfima ou negativa. Essa prática leva a um crescimento insustentável, onde o aumento das vendas não se traduz em lucro real. Empresas que caem nessa armadilha podem se ver em uma situação de “lucro no papel, prejuízo no caixa”, onde o dinheiro não é suficiente para cobrir as operações, mesmo com um alto volume de vendas (DE TONI et al., 2017).

Desconsideração de Indicadores Financeiros e Falta de Estrutura Mínima de Gestão Financeira: A Cegueira Gerencial

Segundo SAORI(2025), a ausência de monitoramento de indicadores financeiros (como inadimplência, ticket médio, lucratividade, rentabilidade) e a falta de uma estrutura mínima de gestão financeira (mesmo que básica, como uma contabilidade atuante e relatórios consistentes) representam uma cegueira gerencial. Sem essas ferramentas, o empreendedor opera sem informações cruciais para a tomada de decisões estratégicas.

Não saber a real margem de lucro de um produto ou serviço, não acompanhar a taxa de inadimplência dos clientes, ou não ter um balanço patrimonial atualizado impede a identificação de problemas e oportunidades. A empresa pode estar perdendo dinheiro em determinadas operações sem sequer perceber, ou pode estar deixando de explorar oportunidades de crescimento por falta de dados para embasar suas decisões. Essa falta de controle e análise é um fator crítico que contribui para a mortalidade empresarial, pois impede a empresa de se adaptar, corrigir rotas e planejar seu futuro de forma eficaz (SAORI, 2025).

A Gestão de Custos e a Precificação Estratégica: Pilares da Sustentabilidade Financeira

Além dos erros financeiros já discutidos, a gestão ineficaz de custos e a precificação inadequada representam desafios significativos que impactam diretamente a saúde financeira e a longevidade das empresas brasileiras, especialmente as MPEs. A percepção de que “vender muito” é sinônimo de “lucrar muito” é uma falácia que leva muitos negócios ao colapso, pois desconsidera a estrutura de custos e a margem de contribuição de cada produto ou serviço (SEBRAE, 2025).

A Importância da Gestão de Custos

A gestão de custos é o processo de planejamento e controle dos gastos de uma empresa, visando otimizar a utilização dos recursos e maximizar a lucratividade. Para as MPEs, que frequentemente operam com margens apertadas, o controle rigoroso dos custos fixos e variáveis é fundamental. A falta de conhecimento sobre a composição dos custos pode levar a decisões equivocadas, como a redução de preços sem a devida análise do impacto na margem de lucro, ou a manutenção de produtos/serviços que, na verdade, geram prejuízo (SEBRAE, 2025).

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2025a) os erros comuns na gestão de custos incluem:

- Desconhecimento dos custos fixos e variáveis.
- Ausência de controle de despesas.
- Falta de análise de custo por produto/serviço.

A Precificação Estratégica

A precificação não é apenas definir um valor para o produto ou serviço; é uma decisão estratégica que envolve a análise de custos, a percepção de valor pelo cliente, a concorrência e os objetivos de lucratividade da empresa.

Uma precificação inadequada pode resultar em preços muito baixos, que não cobrem os custos e geram prejuízo, ou preços muito altos, que afastam os clientes e reduzem o volume de vendas, sendo assim de acordo com SEBRAE (2025) para uma precificação eficaz, as MPEs devem considerar:

- **Custo Total:** É fundamental conhecer todos os custos envolvidos na produção ou prestação do serviço, incluindo custos diretos (matéria-prima, mão de obra direta) e indiretos (aluguel, energia, salários administrativos).

- **Margem de Lucro Desejada:** Definir a margem de lucro que a empresa pretende obter sobre cada venda, considerando seus objetivos financeiros e a realidade do mercado.
- **Valor Percebido pelo Cliente:** O preço deve estar alinhado com o valor que o cliente atribui ao produto ou serviço. Um produto de alta qualidade pode ter um preço mais elevado, enquanto um produto básico pode exigir um preço mais competitivo.
- **Concorrência:** Analisar os preços praticados pelos concorrentes é importante, mas não deve ser o único fator. A empresa deve buscar diferenciar-se e justificar seu preço com base em seu valor agregado.
- **Ponto de Equilíbrio:** Calcular o volume de vendas necessário para cobrir todos os custos e despesas, garantindo que a empresa não opere no prejuízo.

Logo, a gestão ineficaz de custos e a precificação inadequada têm um impacto direto na longevidade das empresas. Empresas que não controlam seus gastos ou que precificam seus produtos/serviços de forma errada tendem a ter margens de lucro reduzidas ou negativas, o que compromete sua capacidade de gerar caixa, investir em crescimento e formar reservas para períodos de crise. Essa situação as torna extremamente vulneráveis a choques de mercado e, consequentemente, aumenta o risco de falência (SEBRAE, 2025).

A Importância do Planejamento Financeiro e Orçamento na Prevenção da Mortalidade

O planejamento financeiro e a elaboração de orçamentos são ferramentas cruciais que, quando negligenciadas, contribuem significativamente para a baixa vida útil das empresas no Brasil. A ausência de uma visão clara sobre as finanças futuras e a falta de metas financeiras bem definidas deixam as empresas à mercê das flutuações do mercado e de imprevistos, tornando-as vulneráveis a crises de liquidez e, consequentemente, à falência (KOTLER; KELLER, 2012).

Planejamento Financeiro como Roteiro para a Sobrevivência

Os benefícios de um planejamento financeiro robusto incluem conforme (KOTLER; KELLER, 2012):

- **Antecipação de Cenários:** Permite que a empresa se prepare para períodos de baixa demanda, sazonalidade ou aumento de custos, evitando a necessidade de recorrer a empréstimos emergenciais com juros altos.

- **Alocação Eficiente de Recursos:** Ajuda a direcionar o capital para as áreas mais estratégicas do negócio, otimizando investimentos e evitando desperdícios.
- **Definição de Metas Claras:** Estabelece objetivos financeiros mensuráveis, como metas de vendas, lucratividade e redução de custos, que servem como guia para toda a equipe.
- **Tomada de Decisões Embasadas:** Fornece informações cruciais para decisões sobre precificação, expansão, contratação de pessoal e captação de recursos.

O Orçamento Empresarial como Ferramenta de Controle

De acordo com (KOTLER; KELLER, 2012), erros comuns relacionados ao orçamento incluem:

- **Ausência de Orçamento:** Muitas MPEs operam sem um orçamento formal, o que impede o controle efetivo dos gastos e a avaliação do desempenho financeiro.
- **Orçamento Irrealista:** Metas de receita superestimadas ou despesas subestimadas podem levar a um orçamento que não reflete a realidade da empresa, resultando em frustração e decisões equivocadas.
- **Falta de Acompanhamento:** Um orçamento, por melhor que seja, perde sua utilidade se não for acompanhado e revisado periodicamente. A comparação entre o orçado e o realizado é fundamental para identificar problemas e ajustar o curso.

Impacto na Longevidade Empresarial

A falta de planejamento financeiro e orçamentário é uma das principais causas de falência de MPEs no Brasil. Empresas que não planejam suas finanças estão mais suscetíveis a problemas de fluxo de caixa, endividamento excessivo e incapacidade de reagir a mudanças no mercado. Sem um orçamento, o controle sobre os gastos se torna precário, levando a desperdícios e à erosão da lucratividade (KOTLER; KELLER, 2012).

Por outro lado, empresas que adotam um planejamento financeiro rigoroso e utilizam o orçamento como ferramenta de gestão demonstram maior resiliência e capacidade de crescimento. Elas conseguem antecipar problemas, otimizar seus recursos e tomar decisões mais estratégicas, o que as torna mais aptas a sobreviver e prosperar em um ambiente de negócios desafiador. (KOTLER; KELLER, 2012)

Análise de Viabilidade Econômico-Financeira

De acordo com AEDB (2025), a análise de viabilidade econômico-financeira é um processo fundamental para qualquer empresa, especialmente para as Micro e Pequenas Empresas (MPEs) no Brasil, que frequentemente operam com recursos limitados e em um ambiente de alta competitividade. Esta análise permite avaliar a atratividade e a sustentabilidade de projetos de investimento, novos negócios ou até mesmo a continuidade das operações existentes, fornecendo subsídios cruciais para a tomada de decisão.

Métricas de Avaliação

Diversas métricas são utilizadas para avaliar a viabilidade econômico-financeira, sendo as mais comuns (AEDB, 2025):

Valor Presente Líquido (VPL): O VPL calcula o valor presente de todos os fluxos de caixa futuros de um projeto, descontados a uma taxa mínima de atratividade. Se o VPL for positivo, o projeto é considerado viável, pois indica que ele gerará valor para a empresa. Um VPL negativo, por outro lado, sugere que o projeto não é financeiramente atrativo.

Taxa Interna de Retorno (TIR): A TIR é a taxa de desconto que torna o VPL de um projeto igual a zero. Ela representa a rentabilidade percentual do projeto. Se a TIR for maior que a taxa mínima de atratividade da empresa, o projeto é considerado viável. É uma métrica útil para comparar a rentabilidade de diferentes projetos.

Payback: O payback mede o tempo necessário para que o investimento inicial de um projeto seja recuperado pelos fluxos de caixa gerados. Existem o payback simples (que não considera o valor do dinheiro no tempo) e o payback descontado (que considera). Embora seja uma métrica de fácil compreensão, o payback não avalia a rentabilidade do projeto após o período de recuperação do investimento.

Acesso ao Crédito e Burocracia

Mesmo quando as MPEs buscam financiamento de forma planejada, elas se deparam com barreiras significativas. A burocracia bancária, a exigência de garantias robustas e a falta de histórico de crédito são obstáculos que dificultam o acesso a linhas de crédito com condições favoráveis. Essa dificuldade empurra muitas empresas para fontes de financiamento mais caras e menos adequadas, como empréstimos informais ou o uso de capital de giro para investimentos de longo prazo, gerando um descasamento de prazos e problemas de liquidez (SEBRAE, 2025b).

CONCLUSÃO

Retomada do Problema de Pesquisa e Objetivos

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar a influência da gestão financeira na baixa vida útil das empresas no Brasil, buscando responder ao questionamento central: “A gestão financeira influencia na baixa vida útil das empresas do Brasil?”. Para tanto, foram estabelecidos objetivos específicos que visavam identificar as principais causas da mortalidade empresarial, discutir os erros financeiros mais comuns, analisar a relação entre boas práticas de gestão financeira e a longevidade empresarial e o aumento da taxa de sobrevivência das empresas no país.

Principais Achados

A pesquisa e a análise dos dados revelaram que a gestão financeira desempenha um papel crucial na determinação da longevidade das empresas brasileiras. Embora a mortalidade empresarial seja um fenômeno multifacetado, influenciado por fatores estratégicos, de mercado e macroeconômicos, a má gestão financeira emerge como um dos principais catalisadores do fechamento precoce dos negócios. Os erros financeiros mais comuns, como a mistura de finanças pessoais e empresariais, a ausência de controle de fluxo de caixa, a tomada de decisões baseada apenas no faturamento comprometem a liquidez, a lucratividade e a sustentabilidade das empresas, tornando-as vulneráveis a crises e choques externos.

Constatou-se que a adoção de boas práticas de gestão financeira, como a separação rigorosa das finanças, o controle diário e projeção de fluxo de caixa, a elaboração e acompanhamento de orçamentos, a análise de indicadores financeiros, a gestão do capital de giro e a busca por apoio especializado, está diretamente relacionada ao aumento da longevidade empresarial. Essas práticas proporcionam maior controle, previsibilidade e capacidade de reação a desafios, fortalecendo a empresa e tornando-a mais resiliente no mercado.

Em resposta ao problema de pesquisa, conclui-se que a gestão financeira influencia significativamente na baixa vida útil das empresas do Brasil. Uma gestão financeira deficiente não apenas contribui diretamente para a falência, mas também potencializa os efeitos negativos de outros fatores, como a alta competitividade e a instabilidade econômica. Por outro lado, uma gestão financeira sólida e estratégica é um diferencial competitivo que promove a sustentabilidade e o crescimento a longo prazo.

A Gestão Financeira como Fator Crítico de Sucesso e Fracasso

Os resultados obtidos reforçam a premissa de que a gestão financeira não é apenas um aspecto operacional, mas um fator crítico de sucesso ou fracasso para as empresas brasileiras. A capacidade de planejar, controlar e analisar as finanças de forma eficaz é o que permite que um negócio se mantenha competitivo e resiliente em um ambiente de mercado volátil. A falta de conhecimento e a negligência em relação a princípios financeiros básicos, como a separação de finanças pessoais e empresariais, o controle de fluxo de caixa e a análise de indicadores, são consistentemente apontadas como causas diretas da mortalidade empresarial (SAORI, 2025).

Além disso, a pesquisa evidenciou que a má gestão financeira não atua isoladamente. Ela se interliga com outros fatores estratégicos e operacionais, potencializando seus efeitos negativos. Por exemplo, a ausência de um planejamento financeiro adequado pode inviabilizar a implementação de estratégias de inovação ou expansão, mesmo que a empresa tenha um bom produto ou serviço. Da mesma forma, a falta de capital de giro, frequentemente um sintoma de má gestão financeira, impede que a empresa aproveite oportunidades de mercado ou enfrente períodos de baixa demanda (GIL, 2017).

A Necessidade de Ferramentas e Processos Simplificados

Para as MPEs, a complexidade das ferramentas e processos financeiros pode ser um obstáculo. A pesquisa sugere a necessidade de desenvolver e disseminar ferramentas e metodologias de gestão financeira simplificadas e acessíveis, que possam ser facilmente implementadas por empreendedores com pouco ou nenhum conhecimento prévio em finanças. Isso inclui o uso de planilhas intuitivas, aplicativos de controle financeiro e a promoção de uma cultura de registro e análise de dados, mesmo que de forma básica (GODOY, 1995).

A adoção de práticas simples, porém consistentes, como a separação rigorosa das finanças pessoais e empresariais, o controle diário do fluxo de caixa e a elaboração de orçamentos mensais, já representa um avanço significativo na prevenção da mortalidade empresarial. A disciplina na execução dessas rotinas financeiras é um diferencial competitivo que confere maior resiliência às empresas, permitindo que elas prosperem mesmo com limitações estruturais (GODOY, 1995).

Limitações do Estudo

Este estudo, embora abrangente, apresenta algumas limitações. A principal delas reside na dependência de dados secundários e estudos já publicados, o que pode limitar a profundidade da análise em aspectos específicos da gestão financeira

de empresas brasileiras. Além disso, a complexidade do tema da mortalidade empresarial, que envolve uma vasta gama de variáveis interligadas, impede uma análise exaustiva de todos os fatores que contribuem para o fenômeno.

Sugestões para Futuras Pesquisas

Para futuras pesquisas, sugere-se a realização de estudos de caso aprofundados com empresas que superaram os desafios iniciais e alcançaram a longevidade, a fim de identificar as boas práticas de gestão financeira que foram determinantes para seu sucesso. Outra linha de pesquisa promissora seria a realização de um estudo empírico com uma amostra representativa de micro e pequenas empresas brasileiras, utilizando métodos quantitativos para analisar a correlação entre variáveis financeiras específicas e a taxa de sobrevivência. Por fim, a investigação sobre o impacto de programas de capacitação em gestão financeira e de linhas de crédito específicas para MPes na redução da mortalidade empresarial também se mostra relevante.

REFERÊNCIAS

AEDB. **Análise da viabilidade econômico-financeira dos projetos da microempresa Alfa**. [S. l.]: AEDB, 2016. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/862455.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ANEGEPE. **Gestão de riscos em micro e pequenas empresas**. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://anegepe.org.br/wp-content/uploads/2021/09/285.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ARACE, C. A. *A importância da educação financeira para microempreendedores individuais e micro e pequenas empresas*. **ARACE**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 119-129, maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/download/4545/6080>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças corporativas e valor**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERNARDES, J. et al. Fluxo de caixa como ferramenta gerencial na administração financeira de micro e pequena empresa = Cash flow as a management tool in the financial management of micro and small business. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://unisaesiano.com.br/aracatuba/wp-content/uploads/2020/12/Artigo-Fluxo-de-Caixa-como-ferramenta-gerencial-na-administracao-financeira-de-Micro-e-Pequena-Empresa-Pronto.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BRAGA, R. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BRIGHAM, Eugene F.; EHRHARDT, Michael C. **Administração financeira: teoria e prática**. 14. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

CARVALHO, J. F. S.; OLIVEIRA, J. L. C. A relevância da gestão do capital de giro para a sobrevivência das micro e pequenas empresas (MPes) no Brasil. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 81-96, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/download/5092/2791>. Acesso em: 16 jul. 2025.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS (CPC). **Pronunciamento Técnico CPC 03 (R2): demonstração dos fluxos de caixa**. Brasília, DF: CPC, 2014.

CUNHA, A. S. da; SOARES, T. C. Aspectos relevantes do planejamento no crescimento das micro e pequenas empresas (MPE). **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Grande, v. 4, n. 3, p. 15-39, set./dez. 2010.

FERREIRA, L. F. F. et al. Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 19, n. 4, p. 811-823, out./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gp/a/YWkhSjgTYnpXtfPy7ynrnSz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Demografia das empresas e estatísticas de empreendedorismo 2022**. [S. l.]: IBGE, 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/60-das-empresas-nao-sobrevivem-apos-cinco-anos-no-brasil-aponta-ibge/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

IOSR JOURNALS. A gestão financeira como fator de sobrevivência e crescimento de microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP) no Brasil. **IOSR Journal of Business and Management**, [S. l.], v. 27, n. 5, ser. 6, p. 06-11, maio 2025. Disponível em: <https://www.iosrjournals.org/iosr-jbm/papers/Vol27-issue5/Ser-6/B2705060611.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

IUDÍCIBUS, S. de. **Análise de balanços**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEV, S. A importância da demonstração de fluxo de caixa para as micro e pequenas empresas. **Revista de Empreendedorismo, Negócios e Inovação**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 119-129, maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/download/4027/5310>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MARION, J. C. **Análise das demonstrações contábeis**: contabilidade empresarial. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARQUES, A. V. Planejamento e controle financeiro nas micro e pequenas empresas, visando à continuidade e à sustentabilidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 29., 2009, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ABEPRO, 2009.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria geral da administração**: da revolução urbana à revolução digital. São Paulo: Atlas, 2000.

OLIVEIRA, D. P. R. de. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. 22. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR. Planejamento financeiro estratégico para micro e pequenas empresas. **Núcleo do Conhecimento**, [S. l.], ano 6, v. 1, ed. 1, p. 118-132, jan. 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/administracao/planejamento-financeiro-estrategico>. Acesso em: 16 jul. 2025.

REVISTA MULTIDISCIPLINAR. As principais causas de falência das pequenas empresas no Brasil. Santa Cruz do Rio Pardo, v. 6, n. 1, p. 77-88, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisantacruz.edu.br/index.php/revmulti/article/download/397/397/653>. Acesso em: 16 jul. 2025.

RMC. A importância do planejamento e controle financeiro para as micro e pequenas empresas. **Revista Mineira de Contabilidade**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 119-126, out./dez. 2020. Disponível em: <https://revista.crcmg.org.br/rmc/article/download/259/88/873>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SANTOS, S. A.; PEREIRA, H. J. **Criando seu próprio negócio**: como desenvolver o potencial empreendedor. Brasília: SEBRAE, 1995.

SAORI, S. Análise dos indicadores financeiros: uma visão para tomada de decisão em MPes. **Saori Revistas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 11-20, jun. 2021. Disponível em: <http://sistema.saori.com.br/clientes/jussara/banco/retorno/JONAS%20RAFAEL.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Como fazer a gestão financeira do pequeno negócio**. [S. l.]: SEBRAE. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-fazer-a-gestao-financeira-do-pequeno-negocio,d999a442d2e5a410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SEBRAE. *Estrutura de capital e endividamento*. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/cursosonline/estrutura-de-capital-e-endividamento,a000a442d2e5a410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SEBRAE. *Gestão de custos e formação de preços*. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/cursosonline/gestao-de-custos-e-formacao-de-precos,a000a442d2e5a410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 16 jul. 2025.

TERRA. **7 erros financeiros que mais fecham empresas no Brasil**. São Paulo, 26 out. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/7-erros-financieros-que-mais-fecham-empresas-no-brasil,089aead51e05940239db5ef7c64f36a0edvabz50.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

VANNUCCI, I. M.; FERREIRA, M. A.; SILVA, V. R. da. Influência da gestão empresarial na taxa de mortalidade das micro e pequenas empresas de Uberlândia. **RAGC**, Uberlândia, v. 11, n. 46, p. 20-30, abr./jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/ragc/article/view/3073/1882>. Acesso em: 16 jul. 2025.

VELOSO, L.; PORTO, F. **A importância do planejamento financeiro nas micro e pequenas empresas**. Brasília: Faculdade Promove, 2015.